

BREVE ABORDAGEM DO DIALETO CAIPIRA NA LINHA DA SOCIOLINGUÍSTICA

Maria Nicolau¹

Resumo:

Este artigo objetiva apresentar uma breve abordagem teórica sobre a Sociolinguística, procurando avaliar a variação existente na língua em uma região rural. A meta é conduzir uma apresentação sintética e teórica desta avaliação dentro da sociolinguística, levando-se em consideração alguns fatores como idade, sexo, ocupação, origem de alguns adolescentes residentes em áreas interioranas, que frequentam uma escola rural situada em Poços de Caldas, Minas Gerais. Trata-se assim, de identificar as variações linguísticas que surgem com esses falantes, apontando sua identidade. A forma escrita será estudada considerando-se uma concisa coleta desses falantes num pequeno corpus para se pesquisar o dialeto caipira.

Palavras-chave: *variações linguísticas; sociolinguística; dialeto caipira; adolescentes.*

Abstract:

This article presents a brief theoretical approach to sociolinguistics, trying to evaluate the variation in the language in a rural area. This is aimed at leading to a synthetic and theoretical presentation of this evaluation within the sociolinguistics, taking into account factors such as age, sex, occupation, origin from some adolescents living in inland areas and attending a rural school, which is located in Poços de Caldas, Minas Gerais State. It is thus, to identify the linguistic variations that come with these speakers, indicating their identity. The writing will be studied considering a brief collection of these speakers in a small corpus, in order to have an investigation of the rustic dialect.

Key-words: *linguistics variation; sociolinguistics; rustic dialect; teenagers.*

¹ Doutoranda bolsista com o apoio da FAPEMIG (Fundação e Amparo à Pesquisa de Minas Gerais), inscrita no Programa de Pós-Graduação do Doutorado da PPGCL na UNIVÁS (Universidade do Vale do Sapucaí). Contato: marianicolau90@yahoo.com.br.

Introdução

Num primeiro momento, gostaria de expressar a perspectiva de abordagem teórica quanto a este trabalho, possibilitando visibilidade para a questão da sociolinguística, mas de forma breve. O caminho apontado por esta área diz respeito às manifestações pesquisadas junto a estudantes adolescentes matriculados em uma escola rural municipal, José Avelino de Melo, situada em Poços de Caldas, Minas Gerais, no quilômetro doze da estrada que liga a cidade à Palmeiral e Botelhos.

O artigo resulta de reflexões que surgiram a partir de um projeto inicial de pesquisa na Universidade do Vale do Sapucaí, com o objetivo de investigar como se desdobra a língua, de acordo com os modos pelos quais o falante se expressa. Algumas reflexões neste artigo são parte do projeto. Para tanto, usaremos uma ótica teórica da sociolinguística, em diálogo com a análise de discurso.

Tal perspectiva assinala minhas observações acopladas às posturas dos falares destes estudantes, trazendo uma reflexão sobre os campos do social e do linguístico, investigando variações linguísticas produzidas por este grupo de pessoas. Procuramos compreender a sociolinguística no parâmetro da comunidade inscrita neste espaço rural e, como os falantes, estudantes da referida escola, desenvolvendo a escrita nesta comunidade do sul mineiro.

A “língua e a sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável” e, “mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano” (ALKMIN, 2008, p. 21), portanto, analisar o conteúdo linguístico utilizado por jovens do interior mineiro permite investigar seus usos e sentidos dentro daquele grupo.

Os estudantes pesquisados têm uma forma de sociabilidade ligada a diferentes vínculos comunitários, mas, para fins deste artigo, tomaremos apenas a análise do dialeto caipira em seus poemas ou falas, material resultante de trabalhos desenvolvidos com os alunos dentro e fora da sala de aula.

Há diferenças em relação ao uso da língua e suas variantes, por exemplo, em áreas rurais, do dialeto caipira que, para a sociolinguística, trazem referências pautadas na linguagem, demandando reflexão acerca desta forma de manifestação da língua. Faz-se necessário investigar o uso de palavras de acordo com suas funções comunicativas, uma vez que o sujeito da sociolinguística é o falante.

A partir de alguns pressupostos teóricos, os quais seguem abaixo, deve-se considerar uma variação geográfica desses falantes, residentes numa região rural onde predomina uma variedade lexical, morfológica e fonética. A identidade destes falantes constitui objeto de estudo e análise, sendo os elementos linguísticos tratados a partir do olhar da etnografia da comunicação. A sociolinguística interacional, conforme assinala Camacho, divide-se em duas áreas distintas de estudo, pois a primeira “interessa-se em descrever e analisar as formas dos ‘eventos da fala’” e a segunda discute como tal “abordagem vê a relação entre a estrutura linguística e a social” (CAMACHO, 2008, p. 49-50).

1. Pressupostos Teóricos

Na Sociolinguística, as questões voltadas para a variação linguística devem considerar as nuances da linguagem escrita e falada. Preocupa-me como o ensino da língua portuguesa é realizado em sala de aula e, em especial, as condições de ensino em áreas rurais, tornando-se indispensável observar cuidados e ponderações sobre a língua e suas variantes. Dada sua importância, consideramos a diversidade regional como fundamental para a cultura local, constituindo valor e contribuição para a língua.

Refletir acerca da realidade sociolinguística em áreas rurais demanda compreender o preconceito linguístico existente em relação aos distintos falares brasileiros. A ideia de uma única forma correta de expressão pode implicar problemas diversos no processo de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que causa a desvalorização cultural e social de determinado povo ou grupo linguístico.

Podemos dizer, a partir de Bagno (2007), que a realidade sociolinguística brasileira é diversa, não possuindo uma unidade linguística. Dentre os aspectos apontados pelo autor, destacamos o falso mito de que somos uma unidade linguística:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os [...] milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização (BAGNO, 2007, p. 15).

É necessário despertarmos para a existência de uma característica identitária em comunidades rurais, onde estudantes que pertencem a grupos de origem geográfica, situação socioeconômica e cursando o ensino fundamental de uma escola

rural, não podem ser esquecidos. Destacamos a importância de combater o preconceito linguístico cotidianamente, pois este ocupa lugar na nossa atividade pedagógica de professores nas mais distintas disciplinas e, particularmente, de professores de língua portuguesa, o que requer uma mudança de postura e abordagem.

Os grupos sociais que vivem no campo, integrados a uma determinada comunidade linguística chamam a atenção, pois seu escopo geográfico demanda ser pensado e embasado em novas metodologias que tragam possibilidades de aprendizado diferentes daquelas apoiadas no saber tradicional, principalmente no que se refere ao universo escolar.

Faz-se importante trabalhar a linguagem em suas diferentes formas, a escrita e a oral, questionando um modelo de escola que prioriza a linguagem escrita. Em nosso entendimento, se “tomarmos as falas” da estudante L., perceberemos a manifestação do “falar” sobre “si mesma, de ser ouvida”. Ou, conforme destaca Bosi (1994, p. 82), a expressão da fala ganha uma finalidade de “se encontrar ouvidos atentos, ressonância, [...] agradável sensação de ser ouvido, [...] um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade”.

Propomos, com base na teoria sociolinguística, desenvolver o acesso ao conhecimento, a partir de alguns pressupostos de autores como Roberto Camacho (2008, 2011), Bosi (1994), Marcilene Araújo (2010), Polyana de Almeida (2010) e Tania Alkmin (2008).

Segundo Roberto Camacho, a sociolinguística “trata da relação entre língua e sociedade” existindo “um interesse cada vez mais crescente pelo estudo da linguagem em uso no contexto social” (CAMACHO, 2008, p. 49). O autor aborda ainda que:

Uma das áreas de estudos lida com fatores sociais em grande escala, associados à linguagem, [...] comumente denominado *Sociologia da linguagem*, [...] e outra área de estudos, a *Etnografia da Comunicação*, interessa-se em descrever e analisar as formas dos “eventos da fala” (CAMACHO, 2008, p. 49).

Segundo observa, “o modo de falar de um indivíduo revela suas características sociais, pois toda língua comporta variações em função da identidade do emissor e do receptor, e das condições sociais de produção discursiva” (CAMACHO, 2011, p. 34). O modo de falar de um adolescente de uma escola rural, cursando a sétima série do ensino fundamental, com uma forma de se expressar bastante desenvolvida em situações de diálogo com colegas da escola, evidencia traços de um dialeto rural. Esta forma de expressão interessa neste trabalho e será retomada nas páginas seguintes.

Toda língua comporta variantes, segundo Camacho:

a) em função da identidade do emissor; b) em função da identidade do receptor; c) em função das condições de produção discursiva. Em função do primeiro fator, pertencem as variantes que se podem denominar dialetais em sentido amplo: variantes geográficas e socioculturais. Em função do segundo e do terceiro fatores, pertencem as variantes de registro ou estilísticas (CAMACHO, 2008, p. 57-58).

O autor exemplifica as diferenças de origem geográfica, assinalando também que, quanto maior o contato dos falantes de uma comunidade, maior é a semelhança entre seus atos verbais. Os membros de uma comunidade, então, se distinguem dos membros de outra, permitindo compreendermos uma riqueza de variantes presentes em todo o território brasileiro (aqui ressalto como exemplo, na região nordestina, a abertura da vogal pretônica de *dezembro* e *colina*, de modo que tais palavras são pronunciadas como *dézembro* e *cólina*) (CAMACHO, 2008, p. 58).

Conforme evidencia Almeida (2010), podemos abordar de diferentes formas os falares de cada região e suas variantes, permitindo explorar e “apresentar suas características e também mostrar ao aluno que a linguagem do poema pode apresentar características do falar popular” (ALMEIDA, 2010, p. 684). Deste modo, daremos ao estudante um instrumento de identificação à sua expressão de falar livremente, abordagem importante para pensarmos também as distintas formas de vivenciar a escrita e suas articulações, ou não, com a linguagem oral.

Ao trazer uma nova instrumentalização para o contexto da escola rural onde lecionei no ano de 2015, pude perceber que a percepção dos alunos enquanto falantes suscita, de algum modo, suas expectativas quanto ao aprendizado da língua portuguesa com o reconhecimento de falar popularmente. Neste sentido, conforme assertiva de Almeida, depreendemos que:

Somos um povo rico em dialetos, e o reconhecimento desses [é] fundamental no trabalho dos educadores, em particular para enriquecer a compreensão da língua portuguesa, [...], [pois] é relevante para os estudos linguísticos valorizar o dialeto caipira, pois este é parte da sociedade (ALMEIDA, 2010, p. 684).

Valorizar o dialeto caipira contribui para abrangermos variações geográficas, tanto na fala urbana como na alocação rural. Para isso necessitamos descaracterizar o preconceito e a discriminação existente em relação aos falares caipiras, eliminando conceitos sobre o que é correto ou errado nos modos de os sujeitos se expressarem e comunicarem suas ideias e formas de viver.

Nas palavras de Bagno “o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa” (BAGNO, 2007, p. 9). Isso reflete a necessidade de ampliarmos cada vez mais os sentidos dos falares. No entendimento do autor, esta postura preconceituosa, torna-se evidente “claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui” (BAGNO, 2007, p. 13), posicionamento que precisa ser mudado, possibilitando conhecer e valorizar a riqueza linguística existente no país.

Nas palavras de Almeida, “é importante relacionar o dialeto com as formas de vida” (idem, p. 686), pois na zona rural e no contexto em que os alunos têm uma forma de sociabilidade ligada a outros vínculos comunitários, a análise do dialeto caipira, em poemas ou falas, proporciona alavancar formas de abordagem temática dentro e fora da sala de aula, enfatizando a perspectiva do próprio espaço, com uma apresentação própria, a escola rural, que, por sua vez, pode despertar neste alunado inspirações na produção de poesias rurais. Mostrar ao aluno que o dialeto caipira possui morfologia e sintaxes próprias também constitui ferramenta necessária e capaz de instrumentalizar a produção destas poesias, formas de expressão embasadas em modos de vida e comunicação distintos de realidades e práticas de outros sujeitos históricos e culturais.

Nesse sentido, preocupamo-nos com o falar e as formas de trabalhar a oralidade dessa fala, uma linguagem valorizada pelos jovens adolescentes embasada em perspectivas da memória, através dos dizeres e de suas vivências. No que tange à análise do dialeto caipira, constata-se a presença dos metaplasmos, mudanças essas de caráter fonético, que ocorrem “pela troca, pelo acréscimo, pela supressão de fonemas linguísticos ou até pela transposição de fonema ou de uso de acento tônico” (ALMEIDA, p. 689). Alguns exemplos são apresentados a seguir.

2. Análise e variedades linguísticas

Breve corpus:

No diálogo a seguir:

M: Bom dia... Como você cumprimenta seus colegas?

L: **Mais**, eu tenho que falar como a gente conversa ou como a gente **comprimentá?**

Olha, nós usa muita gíria tipo, mano, velho... e eu mesmo uso muito a palavra "tu" em vez de "VC" ...
Pra cumprimentá a gente usa tipo, **i aí? Blz?** Como **vc** tá?

Este diálogo ocorreu com uma das estudantes em sala de aula durante uma atividade de “roda de conversa” em gravação no dia 11 de outubro de 2015, quando questionei o uso das saudações e a estudante L.V. estava presente, manifestando assim suas experiências.

Vejamos o que ocorre:

- 2.1. Alçamento:** troca da vogal /u/ por /o/ em: *comprimentá*, e não cumprimentar.
- 2.2. Apócope:** apagamento do /r/ nos verbos: *comprimentá*.
- 2.3. Sístole:** acento na última sílaba: *comprimentá*.

3. Aspectos fonológicos

Observe as falas a seguir da estudante L.V.:

- Olha, **nóis** usa muita **gíria tipo, mano, velho...** e eu mesmo uso muito a palavra "**tu**" em vez de "**VC**" ...
Pra **comprimentá** a gente usa tipo, **i aí? Blz?**
Como **vc tá?** ...

Blz = /be'lezə/; VC/ vc = /vo'se/.

O fator idade da estudante L.V., 12 anos, pode ser considerado ponto de reflexão sobre o uso do pronome *tu*, conforme ela mesma expõe. A utilização deste pronome é comum entre os jovens em diferentes regiões, em estados como Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, especialmente.

Supressão	Acrécimo	Substituição
Cumprimentá /r/	“mais”, “nóis”	Ispera /e/ por /i/

3.1. Breve análise

Com base na perspectiva da estudante L.V. sobre o uso de gírias, podemos pensar nas motivações que acionam seu uso:

(...) há uma demanda especial, em certos grupos, por forte coesão social, cuja consequência é a exclusão, via linguagem, dos que não fazem parte do grupo. Esse tipo de motivação para a criação de gíria caracteriza especialmente a linguagem do adolescente (CAMACHO, 2011, p. 41).

A estudante integra um grupo de adolescentes unidos pela fala, numa intimidade que perpassa linguagem própria, carregada de diferenças. Isso promove a utilização de variantes estigmatizadas, como por exemplo, o uso da palavra “nóis”.

Nesse sentido, se pensarmos as variedades estilísticas de um falante, como a do exemplo de L.V., percebemos que sua expressão se adequa às finalidades numa determinada interação verbal. No caso envolvendo a jovem estudante, a situação interacional é mais coloquial, tornando-se menor a preocupação formal na expressão. Caso a estudante interagisse com outros falantes, como por exemplo, com o professor em sala de aula, com a diretora da escola ou outro falante, não empregaria expressões como “*e aí, blz?*”, visto serem para uso específico entre seus pares.

Numa breve conclusão sobre as variedades estilísticas, Camacho afirma que:

O domínio de uma língua deriva do grau de contato do falante com outros membros da comunidade, também é verdadeiro que quanto maior o intercâmbio entre os falantes de uma língua, tanto maior a semelhança entre seus atos verbais (CAMACHO, 2008, p. 58).

No caso do grupo de adolescentes, a informalidade se sobressai no comportamento social por serem de origem rural, pertencentes a uma escola rural, alunos de uma sétima série do Ensino Fundamental, na faixa etária entre 10 a 15 anos de idade². São eles falantes de um grupo muito coeso, construído sob um laço de internacionalidade, onde o dialeto caipira constitui elo, demonstrando ser “impossível separar a linguagem de suas funções sócio interacionais” (CAMACHO, 2008, p. 55).

3.2. Breve análise do trecho de um poema de um estudante

² Alguns desses estudantes da Escola Municipal José Avelino de Melo, em Poços de Caldas, Minas Gerais, pertencentes a uma turma da sétima série, são repetentes e chegaram a atingir a idade de 15 anos como tal. Eles pertencem a uma turma de 12 alunos, sendo 8 meninos e 4 meninas matriculados na sétima série A. Todos residem em fazendas próximas àquela escola rural, região onde existem 17 fazendas e mais 3 escolas nas adjacências.

A MENINA

R.

Tudo que fiz naquele dia

Foi por causa da Bia.

Ela é linda e cheirosa,

*E mexe com todo mundo da **roça**.*

Ela é inteligente.

Na escola, sempre na frente:

*Tira maior **nota**, porque usa **bota**...*

Em relação a este poema, aponto uma breve análise, expondo a perspectiva que traz, tanto na escrita como na fala da estudante, o uso de termos típicos dos dizeres rurais. Quanto à língua escrita, seria pedagogicamente proveitoso substituir a noção de erro pela de tentativa de acerto (BAGNO, 2007, p. 125), afinal, a língua escrita é uma tentativa de analisar a língua falada, e essa análise será feita, pelo usuário da escrita, no momento de grafar sua mensagem, de acordo com seu perfil sociolinguístico (idem).

Nos versos de R. estão presentes termos da comunidade rural, da realidade de alunos que escreveram seus poemas em condições de produção progressivas nas “rodas de conversa”, onde a interação entre os estudantes faz-se diferente e a variação manifesta-se na fala.

R. comunica aos outros uma identidade íntima ao mencionar a menina que mexe com todo mundo da roça, comunidade linguística a que pertence o poeta. Há uma singularidade no seu dizer, pois as palavras se originam de sua vivência, determinadas também pela forma como a língua se inscreve em meio aos códigos culturais daquele grupo.

O estudante reside na zona rural, trabalha no campo em auxílio à família, tem 12 anos de idade, e sua vida gira em torno da roça e da escola rural onde estuda. Conta-nos ele que na fazenda onde reside existem obras feitas por pessoas que foram escravizadas: “um muro construído pelos negros na época da escravidão e que permanece erguido até os dias de hoje”.

Toda a informação aqui contida foi relatada em ocasião de uma das “rodas de conversa” como atividade pedagógica dentro da sala de aula. O aluno também

ênfatisou sua experiência de vida na roça, a integração na vida rural e acerca da menina da roça. Não se trata da ideia de roça como sinônimo apenas de ambiente rural, mas de uma cultura própria de quem vive no campo, intimamente ligada a este espaço.

No escrever sobre a menina que *tira maior nota porque usa bota*, vislumbramos um verso onde semanticamente o uso de *bota* está ligado não apenas ao caráter linguístico da região, mas à cultura de calçar botas para trabalhar, passear, andar a cavalo, ir a festas, cujo hábito é comum entre os moradores do campo, em especial, as meninas. As botas de couro, por exemplo, são muito valorizadas, simbolizando um hábito campestre preservado na região.

Além disso, em termos morfológicos, é possível dizer que as palavras “roça” e “bota” fazem parte do vocabulário do dialeto caipira. Em termos discursivos, tais palavras podem compor a estrutura de qualquer dialeto brasileiro. No entanto, discursivamente, essa estrutura tem significado particular no dialeto caipira.

Em nosso entendimento, a palavra roça, identificada por este aluno, perpassa a noção de coletividade, acentuando as vivências deste espaço de trabalho, mas também de manutenção e rememoração cultural, que ganha sentidos diferentes da ideia de lavoura, difundindo-se no universo de sentidos apontados por R.

Na perspectiva de uma análise mais densa, “argumenta-se que *roça* é utilizada como uma categoria de caráter relacional, empregada tanto para situar as pessoas a contextos determinados, como para significar e valorar tais contextos” (SILVEIRA; COUTINHO, 2014, p. 262). Assim considerando, o aspecto sociolinguístico não é o único a ser avaliado, mas algo que o jovem quis significar no mundo, percebendo os sentidos de determinada palavra em seu contexto. Dessa forma, alguns termos como “bota” e “roça” têm significado discursivo de um lugar de identidade, determinando lugares de identificação próprios do sujeito falante.

4. Variedades linguísticas e ensino

No ensino tradicional da língua portuguesa preocupamo-nos com o uso do correto e do incorreto como critério para a variação, o que impede o aluno de obter uma variedade padrão. Necessitamos atentar ao princípio proposto por Camacho, quando afirma que, “independente de seu contexto social de origem, toda criança é perfeitamente capaz de adquirir um sistema linguístico apropriado a todas as funções comunicativas a que se destina” (CAMACHO, 2008, p. 66).

Se a natureza da linguagem é a variação, Camacho ressalta a importância de evitarmos formas de expressão estigmatizantes socialmente em relação aos falantes de determinada língua ou variante. O estigma pode agravar ou prejudicar o processo de ensino da língua materna, marginalizando sujeitos e suas expressões comunicativas.

Em busca de respostas, Camacho aponta um conflito existente entre a cultura imposta e as experiências vivenciadas, demandando valorizar a variedade padrão para que o estudante se beneficie de sua origem sociocultural, de acordo com o local onde vive. Impor a variedade padrão a eles gera uma insegurança linguística, sendo importante fornecer aos alunos as chaves para perceber as diferenças e as ferramentas para torná-las valorativas em suas múltiplas realidades.

Procuramos evidenciar que a variante linguística dos estudantes da zona rural é válida e deve, portanto, ser respeitada, atentando para as possibilidades aqui apontadas e discutidas em toda sua complexidade.

Considerações finais

Creemos na necessidade de pesquisas pautando o falante e os poemas como possibilidade de ensino e aproximação com a linguagem do campo, analisando o aparecimento do dialeto caipira e percebendo como este se apresenta no diálogo.

Procuramos pontuar com os adolescentes, estudantes da escola rural, quais análises podem ser construídas em relação ao poema e à fala, em abordagem que permite observar a oralidade, ou seja, o “falar” carregado de diversidade que, muitas vezes, parte dos “dizeres” do urbano, ou do significado desses dizeres discutidos anteriormente, como nas expressões: “e aí?” e “Blz”, percebendo como esta informalidade atua nas relações entre os sujeitos.

A proposta de Camacho sobre o dialeto caipira é significativa. Os diferentes falares encontrados em várias regiões do Brasil – Goiás, Nordeste, Sul de Minas e outras, devem ser compreendidos para o ensino em sala de aula, sendo também relevantes para o estudo da língua portuguesa, em que se aplica a sociolinguística. Dessa forma, importa trazer para reflexão o ponto de vista das variações linguísticas no convívio social.

Nesse sentido, esta disciplina, a sociolinguística, pode contribuir para fundamentar a qualificação efetiva da língua, tanto a falada como a escrita, pois “ela

constitui um dos mais poderosos instrumentos de ação e transformação social”, diz Araújo (ARAÚJO, 2011, p. 2).

Referências

ALKMIN, Tania. Sociolinguística – Parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 21-47.

ARAÚJO, Marcilene de Assis Alves, **Linguagem e Identidade Cultural: Uma abordagem Sociolinguística**. In: Volume 1 Edição nº 03 - Março/2011 | ISSN 2178-1486. Disponível em: <http://www.sociodiaeto.com.br/edicoes/8/09052011091540.pdf>. Acesso em 16/07/2016.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico _ o que é, como se faz**: Edições Loyola, São Paulo, Brasil, ISBN: 85-15-01889-6, 48ª e 49ª edição: junho de 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (Org.). **Caderno de Formação: formação de professores didática dos conteúdos (V. 3) - Conteúdos e Didática de Língua Portuguesa**. 1ªed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/oid17to3.pdf. Acesso em 16/07/2016.

_____. Sociolinguística – Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2008, 49-75.

PAGOTTO, Emilio Gozze. Sociolinguística. In: NUNES, José Horta e PFEIFFER, Cláudia Castellanos (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem – Linguagem, História e Conhecimento**. Campinas: Pontes, 2006, p. 49-72.

SILVEIRA, Lidiane Nunes; COUTINHO, Elenice Aparecida e FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. In: **Roça e os múltiplos sentidos para o rural no Brasil**, Revista Antropolítica, n. 37, p. 261-285, Niterói, 2º sem. 2014.

Artigo recebido em: 10/02/2017

Artigo aprovado em: 02/06/2017